

OLHARES

Rocha de Sousa

Castro, Bertholo, Escada e Martins

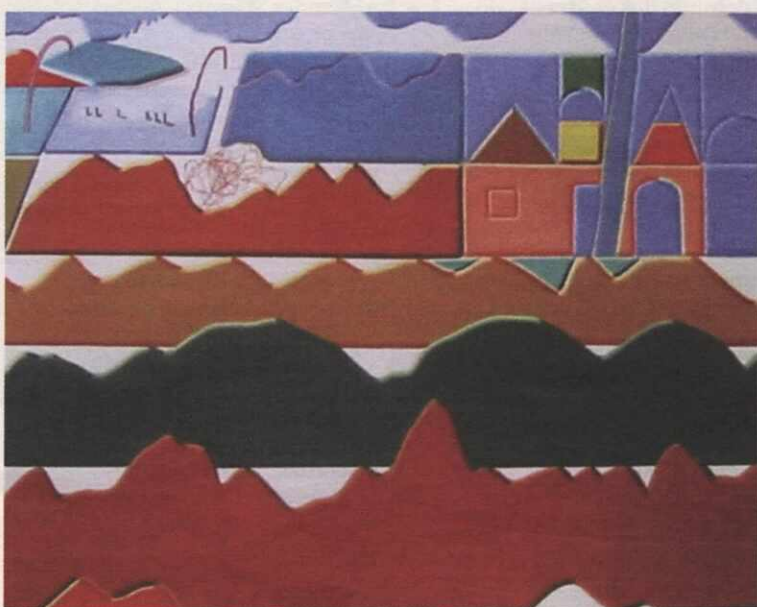
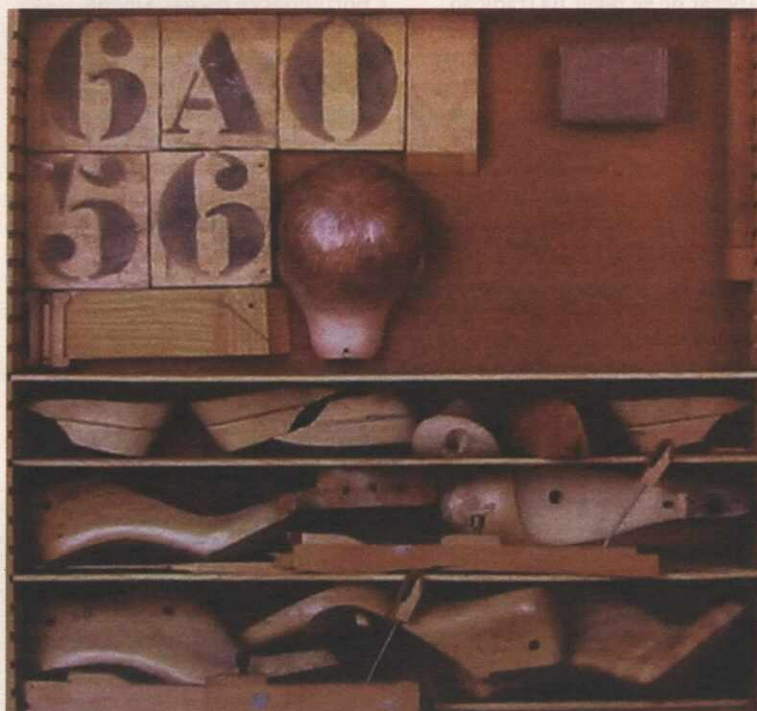
Amizades artísticas

Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva: lembrança, afetos, história, eis o que nos ocorre dizer a propósito desta exposição onde a deriva entre Paris e Lisboa juntou artistas, encontros com os mais velhos e consagrados, assim se escrevendo o registo para um determinado espaço da arte contemporânea portuguesa. Esta fundação organizou a exposição em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian, reunindo obras dos quatro artistas aqui nomeados. E isso porque todos eles tiveram uma especial ligação com Arpad Szenes e Vieira da Silva, sobretudo numa linha de partilha de ideias e pela orientação e amizade que o casal lhes dispensou.

Os materiais constantes desta iniciativa integram obras do início de carreira dos autores, entre a década de 60 e princípio de 70, assim ilustrando um tempo fundamental da sua produção, com aspetos desenvolvidos no período de Paris e que apontam já, claramente certos caminhos de pesquisa. À coleção da Fundação foi adicionado um conjunto de obras da coleção da Fundação Calouste Gulbenkian, aquisições e doações dos próprios artistas escolhidos e com o complemento de outras obras cedidas por colecionadores particulares.

OS AMIGOS DE PARIS COM ARPAD E VIEIRA

Este casal que fez história nas artes em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Paris, escolheram sair dos seus países em função das exigências da arte em transformação, assim procurando dilatar os estímulos intelectuais e culturais que a França lhes facultava. Conheceram o exílio no Brasil, entre 1940 e 1947, dada a situação provocada pela II Guerra Mundial. Aliás, continuaram apátridas até 1956, anos em que obtiveram a nacionalidade francesa. Mas isso não os apartou do contacto regular com artistas portugueses, os quais, de resto, os procuravam em Paris e em Portugal, quando Arpad e Vieira da Silva aqui vinham. A sua generosidade era apreciada por todos, em particular por jovens artistas portugueses. Quando estes migravam por França, Arpad Szenes



Lourdes Castro (em cima) e Jorge Martins Obras dos anos 60 e 70

e Vieira da Silva eram um verdadeiro porto de abrigo. Ajudavam todos e interessavam-se pelo andamento das suas experiências, além de os auxiliarem com materiais e obras vendáveis. Falta fazer um dia o retrato dessa época e dessas relações:

os artistas parecem não dominar os meios para iniciativas dessas, dadas depois à memória futura. Esta exposição poderia ter sido um campo de arranque nesse sentido.

Lourdes Castro obteve uma especial atenção pelo seu trabalho

sobre as sombras, aliás tratadas, em termos de pesquisa, com linhas bordadas em lençóis pela marca do perfil anatómica da pessoa deitada. Tabalhou uma génese de instalação, a vários níveis, objetos caixas, por exemplo, e desenvolveu a ideia dos perfis, retratos recortados e sobrepostos, nomeadamente em plexíglas.

René Bertholo havia partido, com Lourdes de Castro, para Munique, em 1957. Mudaram-se para Paris. Foi aqui que Bertholo sedimentou a sua linguagem, quer na figuração pop, caótica, quer na produção de objetos cinéticos, além de serigrafias e litografias. Entre a figuração e a abstração, cultivou, um discurso de certo modo pioneiro de cunho neo-figurativo.

José Escada, amigo daqueles artistas, participou no projeto da revista KWY, ainda de Lisboa. Essa sigla haveria de nomear e caracterizar o grupo constituído e alargado, embora de forma efémera. Bolseiro pela Gulbenkian, não resistiu ao apelo do tempo e esteve em Paris, orientado por Arpad e Vieira da Silva. Trabalha o desenho e as tintas de água. Mas distinguiu-se sobretudo com as suas composições labirínticas, a duas e três dimensões, em cartão e metal. Formas por vezes relacionadas com o corpo humano, obsessivas, talvez procura metafísica como busca de uma ordem sem fim.

“
Todos eles tiveram uma especial ligação com Arpad Szenes e Vieira da Silva, sobretudo numa linha de partilha de ideias

Jorge Martins, foi também para Paris, em 1961. Colaborou com o grupo KWY mas não o integrou. Sem depender de bolsas, trabalhou e permaneceu naquela cidade durante mais tempo, até 1991, tendo convivido assiduamente com Vieira da Silva e Arpad. Trabalhou em ateliers de artistas locais e investigou um largo inventário de figuras, na forma contextual de jogos de luz e diferentes simulações perceptivas, entre o visível e o invisível – obra relevante, bem estimulada pela incandescência dos anos 60, e cuja citação é indispensável na história da arte contemporânea portuguesa (1). JL

1) O guião deste texto segue a ordem e a perspetiva histórica do catálogo da exposição

► Lourdes Castro, René Bertholo, José Escada, Jorge Martins

AMIGOS DE PARIS

Fundação Arpad Szenes Vieira da Silva, Lisboa, até 15 de abril



TEATRO NACIONAL
D. MARIA II

direção artística
rafaela santos
consultoria artística
cristina corvalhal
dramaturgia
fernando giestas
cocciação e interpretação
leonor keil
margarida gonçalves
miguel fragata
rafaela santos
espaço cénico
henrique ralheta
desenho luz
jorge ribeiro
figurinas
rafaela mapril
música e desenho de som
nanu figueiredo
coprodução
tndm II
magnólia teatro
amarelo silvestre
fundação lapa
do lobo

joão torto

criação
magnólia teatro

8 mar -
1abr'12



sala
estúdio
m/12

GOVERNO DE PORTUGAL

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

BILHETEIRA ONLINE

INFORMAÇÕES E RESERVAS

www.teatro-dmaria.pt 213 250 835